

PRESIDENCIAIS



A (outra) corrida a Belém tem estreantes e vários repetentes

CLÁUDIA MONARCA ALMEIDA

Angela Maryah sentiu uma “energia, intensa e inquietante”, que a deixou “acordada toda a noite” e lhe trouxe a convicção de que se devia candidatar a Presidente da República. Vitorino Silva volta a ser candidato, porque continua a “ter a certeza de que Rans, um dia, vai ter um Presidente da República”. Já Manuela Magno repete a candidatura, 20 anos depois, decidida a que na corrida não estejam só os “mesmos nomes” que se ouvem desde a pandemia.

São mais de uma dezena os candidatos presidenciais que não aparecem nas sondagens. A maioria são independentes, muitos vêm de fora do espetro partidário, outros já vestiram ou ainda vestem as cores de vários partidos. Com mais ou nenhuma experiência política, já estão na rua a tentar recolher as 7500 assinaturas necessárias para formalizar a candidatura no Tribunal Constitucional (TC). Um processo “complexo” e “burocrático”, sobretudo sem o apoio das máquinas dos grandes partidos, mas que estão dispostos a enfrentar para levarem as suas ideias a debate.

O mais veterano nas corridas a Belém e o único que já figurou no boletim de voto é Vi-

torino Silva, que se candidata pela terceira vez em 10 anos. O calceteiro, mais conhecido por Tino de Rans, retirou recentemente a sua candidatura autárquica ao Porto para se focar nas presidenciais. “Portugal não está a ver o filme” será o lema de uma campanha em defesa da democracia e do voto como “maior património”. E essa luta começa por defender-se a si, explica o ex-autarca. “Sou o candidato mais amado e o mais gamado pelo sistema”, afirma. E exige tratamento igual à comunicação social, que acusa de lhe ter “virado as costas” no passado, deixando-o fora de debates e sondagens.

Com cerca de três mil assinaturas já recolhidas, está “mais adiantado” do que em 2015 e 2020. Diz que voltará a fazer uma campanha “humilde” (até €30 mil), sem restaurantes ou comícios, “só o combustível e portagens” pagos do seu bolso e por alguns apoiantes.

Do protesto à candidatura

Estreante em presidenciais, mas já conhecido de outras campanhas, é André Pestana — o sindicalista do STOP que foi a “cara da luta” dos professores em 2022 e 2023 —, que agora diz ter avançado com a candidatura em resposta ao desafio lançado por

“50 ativistas”. Sem partido (desvinculou-se do MAS, a que pertenceu) ou outra instituição por trás, lança uma campanha “por e para trabalhadores”, e quer levar para o debate os assuntos que importam a quem trabalha ou já trabalhou, nomeadamente a proposta de tabelar as reformas (balizando-as entre mil e cinco mil euros). Será também para a “juventude que se sente obrigada a emigrar por falta de perspetivas” e para quem tem preocupações ecológicas.

Candidatos têm de ter nacionalidade portuguesa, mais de 35 anos e recolher 7500 assinaturas

Diz-se contra a “deriva militarista” em que o país se encontra, da qual Gouveia e Melo é o “mais fidedigno representante”, e quer um debate que alerte para as “consequências gravíssimas” dos compromissos assumidos pelo Governo na Defesa terão para os serviços públicos e populações. Com “5100 assinaturas” já recolhidas, antecipa uma “candidatura sóbria e modesta”, sem “jantares” para “impressionar” os *media*, e está a estudar a

possibilidade de recorrer ao *crowdfunding*.

Voltar a tentar

Repetentes há vários, mas no domínio das tentativas, como Manuela Magno. A professora de Música volta a tentar candidatar-se, depois de em 2006 o TC ter rejeitado a sua candidatura, que tinha as assinaturas necessárias, por as certidões de eleitor não estarem devidamente agrafadas. Duas décadas depois volta a tentar com a “convicção” de que pode ser uma “boa Presidente” por ter experiência como moderadora de conflitos (“fundamental” numa sociedade “polarizada”) e por, como maestrina, estar habituada a “conseguir o melhor de cada um para fazer o bom para todos”. E quer promover a “cidadania ativa”, que acredita ser um antídoto para a demagogia e populismo que semeiam “medos”.

Já na rua, tem organizado tertúlias sobre cidadania e, apesar da falta de visibilidade mediática, está otimista. “Estou convencida de que, se as pessoas me conhecerem, irei ter uma adesão surpreendente”, vinca. Por agora não diz quantas assinaturas conseguiu numa pré-campanha que foi “praticamente” custeada por si. Recentemente criou uma associação para recolher donativos de forma

Faltam menos de seis meses para as eleições presidenciais e são já pelo menos 19 os pré-candidatos a posicionarem-se na grelha de partida, mas nem só de nomes sonantes se faz a corrida

Vitorino Silva na entrega de assinaturas em 2021: o calceiro tenta agora a sua terceira candidatura presidencial
FOTO JOSÉ SENA GOULÃO/LUSA

CANDIDATOS À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA



MANUELA MAGNO

A professora, que tem formação em Física Nuclear, já foi candidata do Partido Humanista (extinto) e mandatária do Volt Portugal.

JOANA AMARAL DIAS

A ex-deputada do BE e mandatária da candidatura falhada de Mário Soares a Belém tem apoio do ADN.



ANDRÉ PESTANA

O sindicalista militou na Juventude Comunista, BE e MAS, antes de coordenar o STOP.

ARISTIDES TEIXEIRA

O presidente da Associação dos Utentes da Ponte 25 de Abril já foi candidato da CDU e do CDS.



ANGELA MARYAH

A life coach apresenta-se como "embaixadora do V Império" no programa que mantém no YouTube.

PEDRO TINOCO DE FARIA

O tenente-coronel dos Comandos é crítico de Gouveia e Melo.

ORLANDO CRUZ

O dono de uma rádio online já militou no PSD, CDS, PTP, PURP, PPV, Chega, Ergue-te e ADN.

estando "fora da 'matrix'", porque "os partidos estão *dé-modé*" e já "não respondem à realidade" em que é preciso "fazer pontos de fusão" para ultrapassar a polaridade. Por isso quer ser a "Presidente pioneira", prometendo trazer ao país, "pela primeira vez desde 1910", a "verdadeira democracia participativa". A sua principal proposta é a "Via Veredicta", um sistema digital que permita a cogovernança "em tempo real" dos cidadãos com o Parlamento e o Governo.

Para já, ainda está a "estudar" como vai fazer campanha (que tem custeado do seu bolso e com apoios de conhecidos), mas também prefere conservar o "elemento surpresa". Já recolheu "entre 500 e mil assinaturas" e promete que "veio para ficar" até a sua "missão" estar cumprida (nesta ou numa próxima eleição).

Em marcha está também a pré-campanha de Pedro Tinoco de Faria. O tenente-coronel aposentado ficou conhecido em 2017 por preparar um protesto de oficiais (que não chegou a acontecer) contra a exoneração temporária de cinco comandantes após o furto em Tancos. Nas redes sociais tem criticado Marcelo Rebelo de Sousa e o "almirante das picas" (Gouveia e Melo), apresentando-se como um defensor das Forças Armadas que está preocupado com a "imigração completamente descontrolada" e com a educação "cheia de narrativas wokistas".

Já Raul Perestrelo juntou-se à corrida para transformar Portugal num país "moderno e dinâmico" que honre as suas tradições. O empresário madeirense do sector imobiliário e joalheria disse à Lusa que não se coloca "nem à direita nem à esquerda" e quer "colaborar com todos".

Com o partido ADN candidatura-se Joana Amaral Dias, que já foi deputada pelo Bloco de Esquerda. No lançamento da campanha (marcado simbolicamente para 10 de junho, no Martim Moniz), a psicóloga e comentadora fez da "luta contra os globalistas" e da promoção da natalidade (para "inverter o inverno demográfico e a extinção dos portugueses", em oposição à "importação de mais estrangeiros") as suas bandeiras. Já José Cardoso candidatura-se com o apoio do recém-formado PLS (Partido Liberal Social), a que preside. O ex-candidato à liderança da IL disse ao "DN" ter já metade das assinaturas. Apoiado pelo Partido Libertário (que ainda não é reconhecido pelo TC) candidatura-se Bruno Morgado.

A maioria dos pré-candidatos (14) já constam do Portal da Candidatura, uma plataforma do Ministério da Administração Interna que permite aos cidadãos assinar virtualmente as candidaturas com a chave móvel digital. Desta constam nomes desconhecidos do público (Hugo Pires e Eduardo Lourenço), mas também Rui Costa. O jurista e ex-deputado municipal de Lisboa (eleito pelo BE, mas que terminou o mandato em 2021 como independente) esclarece que não é candidato e inscreveu-se apenas para "testar o sistema" e perceber se este contribui para "desblindar" a política.

calmeida@expresso.impresa.pt

Chega quer Ventura em Belém mas prefere vê-lo em São Bento

Líder do Chega é o favorito dos militantes e há quem sugira mudar para um sistema mais presidencialista

A saga da candidatura de André Ventura a Belém já vai longa, com muitas voltas e contravoltas desde o final de 2024, quando o líder do Chega começou a falar da possibilidade. Ventura anunciou que seria candidato à Presidência em março, mas pôs a ideia na gaveta pouco depois por causa das legislativas antecipadas. Mas o Chega manteve o tom crítico aos candidatos que já estão no terreno e, esta semana, André Ventura fez a declaração mais clara desde o início da história numa entrevista ao canal Now: "Estou mais perto que essa decisão possa ser favorável do que há duas ou três semanas."

Dentro do Chega, a opinião de que André Ventura é a melhor opção para as eleições de janeiro é quase unânime, e fontes do partido confessam vontade em ver o líder a digladiar-se contra Gouveia e Melo numa potencial segunda volta. Rita Matias já fez saber que vai defender a candidatura presidencial de Ventura na reunião do Conselho Nacional convocada para o dia 12 de setembro. Ao Expresso, vinca que é "o candidato mais forte e mais sonante que o Chega pode apresentar", até porque "nenhum dos outros candidatos representa o Chega", acrescenta.

Matias defende que, dado o crescimento do partido em sucessivos atos eleitorais, não apresentar uma candidatura seria mesmo "não ir a jogo numa partida muito importante". "Se tirarmos o pé do acelerador, corremos o risco de voltar atrás", avisa. Embora admita, no final, que "preferia ver André Ventura como primeiro-ministro" e não como Presidente.

A partir de Beja, Mário Cavaco, líder da distrital do Chega, afirma que André Ventura é "o único homem que representa a verdadeira direita" e refere que as sondagens nunca deram a vitória do Chega no distrito de Beja para alertar que Ventura pode voltar a sur-

VOTAÇÕES DE ANDRÉ VENTURA/CHEGA

	PERCENTAGEM	VOTOS
Legislativas 2019	1,29	67.826
Presidenciais 2021	11,9	496.773
Autárquicas 2021	4,16	208.232
Legislativas 2022	7,18	399.510
Legislativas 2024	18,07	1.169.836
Europeias 2024	9,79	386.705
Legislativas 2025	22,76	1.437.881

FONTE: SECRETARIA-GERAL DO MINISTÉRIO DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA (SGMAI)

prender. Mas acaba por ficar nas citações futebolísticas para comentar as presidenciais: "Prognósticos, só depois do jogo."

Bruno Nunes — o deputado que, em junho, disse que "quem tem Ronaldo no topo da carreira não mete outro no seu lugar. Nós temos André Ventura e devia ser ele o candidato" —, reitera agora que "André Ventura não vai virar as costas à candidatura" e considera-o "um potencial vencedor" pelos valores nas sondagens. A última sondagem da Intercampus, divulgada na quarta-feira, colocou Ventura em 3º lugar com 14%, atrás de Henrique Gouveia e Melo (18,5%) e Luís Marques Mendes (17,2%), e à frente de António José Seguro (13,7%), mas as margens são curtas.

Se Ventura ganhar, contudo, Bruno Nunes até sugere mudar para um sistema político "mais presidencialista" e alterar a Constituição "de-

satualizada", para dar mais poderes ao Presidente, defendendo que tal trará "mais estabilidade" e uma "decisão concreta sobre o rumo do país". "Aceitava ver o André Ventura como Presidente se tivéssemos um sistema mais presidencialista", argumenta o deputado.

Caso se candidate, André Ventura vai certamente voltar a ouvir os comentários de quem critica o presidente do Chega por ser o único rosto do partido em época eleitoral. O seu rosto surge em todos os cartazes do Chega em todo o país, sempre ao lado do candidato local, como já surgia nas regionais na Madeira. Para Rita Matias, "essas críticas podem ser sempre ouvidas", mas rejeita o seu fundamento. "Temos 308 listas às autárquicas e André Ventura não está em nenhuma", defende Rita Matias. Ainda assim, a deputada e candidata à Câmara de Sintra salienta que ter Ventura ao seu lado é "um selo de confiança".

Bruno Nunes refuta que o Chega não tenha quadros com força para liderar o partido, apontando para o número de seguidores e visualizações que os principais deputados têm nas suas redes sociais. "As pessoas sabem quem somos. Somos uma linha de continuidade do que André Ventura defende", aponta, notando que "se for à rua e pedir às pessoas para dizer 5 deputados do Chega, as pessoas dizem", mas "do PSD e PS já não sabem".

Essa existência de mais protagonistas na vida mediática do partido são argumentos para tanto Rita Matias como Mário Cavaco esclarecerem que o Chega continuará mesmo que o líder da oposição vença as presidenciais e, por isso, abandone a liderança do Chega. Para a jovem deputada, se Ventura ganhar, será "um sinal da capacidade partidária em dar o próximo passo". "O Chega não termina se André Ventura sair do Chega. Não vejo como o fim, mas como o primeiro dia do resto da vida do partido."

HÉLIO CARVALHO
hcarvalho@expresso.
impresa.pt



"transparente" e já lhe chegaram três, totalizando €370.

Também repetente é Aristides Teixeira, que tenta pela terceira vez chegar ao boletim de voto, tendo sido pré-candidato em 1996 e 2011. Membro da direção de Produção da RTP, ficou conhecido por ser um dos rostos do buzinao de 1994 contra as portagens na Ponte 25 de Abril. Já foi candidato da CDU e do CDS, mas na apresentação da campanha colocou-se "mais à esquerda" e afirmou querer travar a "destruição das traves mestras de Abril".

Orlando Cruz parte para a quinta pré-candidatura sem nunca ter chegado ao boletim. Antigo taxista, camionista, ator e empresário, apresenta-se agora como diretor de uma rádio online, fazendo da defesa da classe jornalística uma bandeira da campanha. Após ter estado ligado ao PSD, CDS, PTP, PURP, PPV, Chega e Ergue-te, concorre agora contra a candidata do seu mais recente partido, o ADN (cujas listas integrou nas últimas legislativas).

"Chamamento interno"

Insatisfeita por "Portugal não estar a realizar o seu propósito", a life coach Angela Maryah diz sentir um "chamamento interno" para se candidatar. Estreante, apresenta-se como